

SIMPÓSIO AT204

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NA FALA DE CRIANÇAS COM TEA: MARCAS DE HESITAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA TEXTUAL-INTERATIVA

SANTOS, Katiane Silva
UFS
skatiane34@yahoo.com.br

LIMA, Geralda de Oliveira Santos
UFS
geraldalima.ufs@gmail.com
(Orientadora)

Resumo: Buscando referências de leitura sobre a linguagem no Transtorno do Espectro Autista (TEA), observou-se uma quantidade escassa de publicações na área, especialmente no que tange aos estudos das hesitações, dado que, na grande maioria, a linguagem dentro do espectro é tratada com um olhar patologizante. Com base nesses aspectos, o objetivo geral deste trabalho é analisar os textos orais de crianças entre 6 e 12 anos de idade, a partir do fenômeno linguístico da hesitação (MARCUSCHI, 2015), à luz da Perspectiva Textual-Interativa (JUBRAN, 2015) que concebe a linguagem como interação social. Dessa forma, pretendemos observar as construções textuais baseadas nas atividades interativas entre as crianças com TEA e os profissionais envolvidos no processo comunicativo, mostrando que embora os textos produzidos na oralidade de crianças com autismo revelem aspectos discursivos como a hesitação, a repetição e a interrupção, a construção do sentido fica evidente. Para fundamentar este estudo, no que tange ao autismo, apoiamos-nos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), Orrú (2012; 2016), Klin (2006), Bosa (2006), dentre outros; no que se refere aos estudos textuais tomamos como alicerce teórico as contribuições de Koch (2015; 2016), Jubran (2015; 2017) e Marcuschi (2015).

Palavras-chave: Linguagem; Autismo; Hesitação; Texto oral; Interação.

Abstract: Looking for reading references about language in Autism Spectrum Disorder (ASD), a scarce number of publications in the area were observed, especially with regard to hesitation studies, given that, in the vast majority, language within the spectrum is treated with a pathological look. Based on these aspects, the general objective of this work is to analyze the oral texts of children between 6 and 12 years of age, based on the linguistic phenomenon of hesitation (MARCUSCHI, 2015), in light of

the Textual-Interactive Perspective (JUBRAN, 2015) who conceives language as social interaction. Thus, we intend to observe the textual constructions based on the interactive activities between the children with ASD and the professionals involved in the communicative process, showing that although the texts produced in the orality of children with autism reveal discursive aspects such as hesitation, repetition and interruption, the construction of meaning is evident. To support this study, with regard to autism, we support the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM), Orrú (2012; 2016), Klin (2006), Bosa (2006), among others; with regard to textual studies we take as a theoretical foundation the contributions of Koch (2015; 2016), Jubran (2015; 2017) and Marcuschi (2015).

Keywords: Language; Autism; Hesitation; Oral text; Interaction.

Introdução

A partir das buscas de referências de leitura sobre a linguagem no Transtorno do Espectro Autista (TEA), observou-se uma quantidade escassa de publicações na área, especialmente no que tange aos estudos das hesitações.

Com base nesses aspectos, o objetivo geral da pesquisa é analisar os textos orais de crianças entre 6 e 12 anos de idade, a partir da perspectiva textual-interativa, formulada por meio do conceito de linguagem como interação verbal, cujo postulado foi de que “as propriedades e funções dos processos constitutivos do texto são definidas nas situações concretas de interlocução” (JUBRAN, 2017, p. 514), o texto, nesse postulado, é visto como unidade socio comunicativa que está sujeita a pressões de ordem interacional.

Buscamos observar as construções textuais, com base nas atividades interativas entre crianças diagnosticadas com TEA e os profissionais envolvidos no processo comunicativo a partir das observações feitas nas visitas de campo; e analisar as marcas de hesitação apresentadas nos textos orais das crianças com o transtorno.

Para fundamentar o estudo, no que se refere ao autismo, apoiamo-nos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), Orrú (2012;2016), Klin (2006), Bosa (2006), dentre outros. No que tange aos estudos textuais, tomamos como aporte teórico as contribuições de Koch (2015; 2016), Jubran (2015; 2017) e Marcuschi (2015).

Foram observadas, até o momento, 10 crianças atendidas no Centro de Integração Raio de Sol (CIRAS), instituição multiprofissional, localizada em Aracaju, das quais foram escolhidas 5 com diagnóstico de TEA, com presença de linguagem verbal. Como instrumentos de pesquisa, anotações no diário de campo e gravações de áudio, que foram transcritas e analisadas de acordo com as normas do Projeto NURC (Projeto de Norma Culta Urbana).

1. Linguagem, comunicação e autismo

Uma das características mais marcantes na criança com TEA é o déficit na linguagem e comunicação, que, na maioria dos casos, é consequência da dificuldade de interação social, que dificulta no processo de aquisição da linguagem. O processo de aquisição de linguagem da criança atípica não ocorre da mesma forma como acontece com a criança típica, o que pode ser observado logo nos primeiros dois anos de vida, quando os pais percebem que há algo fora do que é considerado padrão.

De acordo com a fonoaudióloga Scheuer (2002), a comunicação e interação tem início com o choro da criança no período de amamentação, pois durante essa fase já existe a troca de afeto, de emoções, de desejos e necessidades, além do contato visual que mantém a interação. Alguns comportamentos na infância deixam transparecer o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da criança. No caso da criança com TEA, desde o período da amamentação as alterações já são perceptíveis, uma vez que a criança não interage com a mãe.

O desenvolvimento da comunicação e da linguagem nem sempre acontece dentro dos padrões esperados, como é o caso da criança com TEA. Na maioria delas, a linguagem surge tardiamente, e se desenvolve num ritmo lento e bastante complexo em relação à criança típica. Scheuer (2002) comenta que criança com o transtorno apresentam problemas na comunicação, no sentido de dizer sobre suas necessidades e desejos. Vale ressaltar, que, no espectro, tanto a comunicação verbal quanto a comunicação não verbal podem

estar comprometida. Muitas delas adquirem a linguagem oral, entretanto, regridem, e param de falar.

2. Hesitação: uma estratégia de processamento textual

Algumas descontinuidades da língua falada eram tratadas como disfluência, contudo, com o desenvolvimento das pesquisas na área, foi possível descartar as “avaliações negativas sobre as descontinuidades presentes na língua falada, dissociando-as das ideias de ‘defeitos’, ‘disfluência’ ou perda do fio condutor” (JUBRAN, 2015, p. 36), como é o caso da hesitação (MARCUSCHI, 2015a), a qual abordamos com maior destaque na pesquisa, e da interrupção, ambas atividades de processamento textual, sendo que cada uma tem suas especificidades.

De acordo com as palavras de Koch (2016), a hesitação é considerada como constitutiva do próprio processo de construção do texto, de maneira que não existe trecho de fala sem hesitação. No caso das estratégias apontadas, a inserção e a reformulação podem não aparecer no texto falado, porém, a hesitação vai aparecer sempre. As hesitações, de acordo com os estudos de Jubran (2015), têm como função ganhar mais tempo para o planejamento/verbalização do texto.

A hesitação é considerada por Marcuschi (2015a) um fenômeno intrínseco da oralidade, ou seja, faz parte da competência comunicativa em contextos de interação, logo, não se trata de uma disfunção do falante, mas de uma atividade textual-discursiva que atua no processamento do texto, e não na formulação. Na fala, ela desempenha papéis formais, cognitivos e interacionais.

A característica básica da hesitação é a ruptura na fala, podendo ter motivações discursivas, no sentido de preservar a fluência, de modo que a hesitação não tem o intuito de encerrar a fala, mas de continuar fluente. Marcuschi salienta que a hesitação não diz respeito ao que se diz, mas ao como se está falando, pois “revela os procedimentos adotados pelos falantes para resolverem os problemas que surgem ao processamento online de formas

e conteúdos” (MARCUSCHI, 2015a, p. 50). Quanto aos aspectos formais, Marcuschi (2015a) indica que as hesitações se materializam por meio de fenômenos como prosódicos: pausas e alongamentos vocálicos; Expressões hesitativas: “éh”, “ah”, “ahn”, “mm”; Itens funcionais: Artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação; Itens lexicais: Substantivos, adjetivos, verbos; Marcadores discursivos: “sei lá”, “quer dizer sabe”, “então né ah”; Fragmentos lexicais: Palavras iniciadas e não concluídas.

Marcuschi sugere os tipos de hesitação, entretanto, adverte que não se deve tomar a relação como uma classificação. Nesse sentido, considerando as formas pelas quais as hesitações se materializam, temos as *pausas não preenchidas*: os silêncios prolongados em lugares não previstos pela sintaxe; *pausas preenchidas*: ocorrência de expressões hesitativa e alongamentos vocálicos; *repetições hesitativas*: repetições registradas nos itens funcionais, itens lexicais e marcadores discursivos acumulados; *falsos inícios*: ocorre juntamente com a interrupção, vistos como cortes sintáticos.

Ainda de acordo com o autor, o texto falado, em sua materialidade, torna-se uma pista essencial para a observação de processos de formulação e de atividades verbais, considerando aspectos formais, interacionais e cognitivos.

3. Análise e discussão

Selecionamos, para uma breve discussão, um trecho de transcrição de diálogo entre uma criança diagnosticada com autismo e outros profissionais que atuam na instituição.

Neste trecho, a atividade comunicativa acontece no momento do lanche, momento que também é considerado de aprendizagem, numa interação entre a criança, a pedagoga, a cuidadora e a estagiária. Temos, então, como tópico central os tipos de lanche que a criança come, e, após, uma mudança para o tópico o parque de diversões de Carmópolis.

- 1 Cuidadora: cadê o pão de queijo?
- 2 Criança 1: pão de queijo?
- 3 Cuidadora: ... siimm...
- 4 Criança 1: ... não... não trouxe... que pena
- 5 Pedagoga: quem fez esse pão com pizza?
- 6 Criança 1: ... fui eu... foi que mamãe que comprou.
- 7 Pedagoga: aahh... a mamãe que comprou... mamãe não sabe fazer não é?
- 8 Criança 1: nã::o... lá em casa ((tossiu)) ... me engasguei... foi uma tosse... me
- 9 engasguei... foi u/ foi u/ foi uma tosse... daí eu comi/lá em casa eu comi batata frita.
- 10 Pedagoga: quando? hoje?
- 11 Criança 1: em casa... com ketchup.
- 12 Pedagoga: hoje de manhã?
- 13 Criança 1: ahã...éh:: ... eu comi... batata frita... foi que mamãe que fez... eu comi
- 14 éh::... batata frita.
- 15 Pedagoga: você tem mais irmãos?
- 16 Criança 1: nnã::o... só tenho uma irmã... o Bruno... e lá:: ni Carmópolis hoje vai ter
- 17 um parque de diversões... o parque vai/vai ser irado... o parque não é... não é...
éh::...
- 18 tia Cida... o parque não é... não é ni Aracaju... é ni Carmópolis.
- 19 Pedagoga: ... e é perto da (Santa Rosa) em Carmópolis?
- 20 Criança 1: ... mmm... muito... o parque de diversões vai ser ni Carmópolis... vai ter
- 21 brinquedos lá...
- 22 Estagiária: você vai pra o parque de Carmópolis é?
- 23 Criança1: éh:: ... vou pro parque... amanhã... mas é à noite... vai ter uns carrinhos...
- 24 as motos...
- 25 Estagiária: você vai andar em qual?
- 26 Criança 1: ... nos brinquedos...
- 27 Estagiária: todos?
- 28 Criança 1: Ahã... mas eu e Estela/aí eu e Estela andamos no carrinho de bate-bate...
- 29 ...andamos no carrinho de bate-bate...

No trecho, as hesitações, que têm função cognitiva de ganhar maior tempo para o planejamento e verbalização do texto (KOCH, 2016), se manifestam por meio de diferentes recursos. No início da conversação, ao falar

sobre o pão de queijo, a criança responde com “*nã::o*”, onde ocorre a hesitação e a repetição do “*nãõ*”, no sentido de dar continuidade ao que está sendo dito.

Nas linhas 8 e 9, ao dizer que se engasgou, a fala é marcada por um falso início em “foi *u/* foi *u/* foi uma tosse”, através do corte de um item lexical, que poderia ser de difícil acesso no momento, ocorre aí a interrupção juntamente com a hesitação. Ainda na linha 9, a fim de manter a interação com a pedagoga, a criança continua a conversação para falar sobre a batata frita, assim, em “daí eu *comi* lá em casa eu *comi* batata frita”, há uma repetição do item “*comi*”, o qual configura hesitação, ocorrendo simultaneamente com a interrupção, marcada pela barra.

Na linha 13, numa busca de uma alternativa de formulação, há um preenchimento de pausa, com uso da expressão hesitativa “*éh::*”, que também é marcado por um alongamento de vogal final. O alongamento de vogal pode ser observado também na linha 16, quando o assunto é o parque de diversões, como em “*lá::* ni Carmópolis”, na busca de um item adequado. Já na linha 17 pode-se observar uma interrupção com a expressão hesitativa “*éh*” em “o parque não é... não *éh::* tia Cida... o parque não é... não é ni Aracaju”, no sentido de manter a interação com a pedagoga que havia ficado dispersa. É possível observar nesse trecho, a repetição de “*nãõ é*”, o que configura uma hesitação.

A partir do ponto de vista da língua escrita, as discontinuidades como as observadas no exemplo, eram vistas como “disfluências” da fala. Entretanto, o que se constata, é que esses fenômenos exercem funções textuais e interacionais. O Grupo de Texto para o estudo do texto falado, conduzido por Ingedore Koch, já havia pesquisado e constatou que há regularidades no processamento do texto, e, portanto, não deve ser avaliado de forma negativa.

Vale salientar, que, ao falarmos de discontinuidades, postula-se que a hesitação é considerada como tal na materialidade no texto, porém, não na produção do sentido, na interatividade verbal, já que a hesitação é vista como processamento de atividade verbal, tanto nos aspectos formais, quanto nos

interacionais e cognitivo. Por essa razão, a hesitação precisa ser observada à luz da perspectiva textual-interativa, pois, com base nesse aspecto “as propriedades e funções dos processos constitutivos do texto são definidas nas situações concretas de interlocução (JUBRAN, 2017, p. 514)”.

4 Conclusão

A presente pesquisa mostra, a partir do que foi exposto, que apesar de os textos produzidos oralmente pelas crianças com autismo revelarem fenômenos como a hesitação, e, conseqüentemente, repetição e interrupção, é possível estabelecer uma unidade de coerência. Vale lembrar, que tratamos, aqui, de crianças atípicas, com dificuldades de interação e comunicação social.

Nessa direção, torna-se imprescindível um estudo acerca da temática, pois, trará contribuições para os estudos linguísticos no que se refere à modalidade oral, visto que muitos trabalhos vêm dando prioridade à linguagem escrita. Não que uma se sobreponha à outra, dado que, ambas possuem suas especificidades e suas relevâncias.

Referências

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado**. V. 1. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015a.

_____. Especificidades do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado**. V. 1. São Paulo: Contexto, 2015b.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed., 4 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI. Fenômenos intrínsecos da oralidade. Hesitação. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção do texto falado**. V. 1. São Paulo: Contexto, 2015a.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SCHEUER, Cláudia. **Distúrbios da linguagem nos transtornos invasivos do desenvolvimento**. In: Baptista, Claudio Roberto et al. *Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2002.